

“Nova York: se consegui lá, consigo em qualquer lugar”



No primeiro momento, a idéia era viajar com mais duas amigas, que também são cadeirantes. Fizemos algumas reuniões de planejamento, pois a minha preocupação não era a viagem em si, mas a logística de três cadeirantes viajando juntas. Este sim era o desafio.

Como a vida nem sempre corre como nós queremos, à medida que promovíamos nossos encontros para planejar da aventura, surgiam situações inesperadas que tinham que ser administrados – e percebemos que alguns sonhos iriam ficar pelo caminho. E entendi que faria a viagem sozinha. Gosto de desafios e estava disposta a aprender com eles. E desistir é uma palavra que não existe no meu dicionário, de modo que Encarei!

✘ **Organizar e sonhar** – planejar a primeira viagem sozinha para o exterior foi um dos momentos mais marcantes da minha

vida como viajante. Era a realização de um desejo, que por alguns momentos, pareceu impossível. Mas quando começou a se tornar realidade, foi tão difícil quanto essencial gerenciar as expectativas com a realidade dos detalhes práticos para se chegar a Nova York.

Tive apenas alguns dias para resolver tudo e batalhei muito antes de colocar o pé e as rodas no avião... Documentação em ordens e saúde também. É chegada à hora!

O Embarque – logo entendi que precisava de uma boa dose de concentração e coragem para esse momento. Ah, claro, tive uma dose extra de sorte também, pois exatamente no período planejado recebi um convite para participar **Global Partnership on Children with Disabilities**, um evento que acontece de 2 em 2 anos na UNICEF, Nova York.

O evento é sobre as ações que mais de 41 países, incluindo o Brasil, desenvolvem na área da criança com deficiência. É estrategicamente pensado para que todos os parceiros participem, no mesmo período, também das reuniões de alto nível da Assembleia Geral sobre Deficiência e Desenvolvimento. Durante esses dias iriam se concentrar ali as maiores autoridades internacionais nesse assunto. Imaginem como estava a “grande maçã” – fervilhando de gente!

Enquanto voava, ainda tensa com o destino desconhecido que me aguardava, pensava em como seria **andar sem rumo pela cidade, estar com pessoas do mundo inteiro** e o mais instigante, sozinha. Vivi esse estado de alerta durante todo o voo.

Lá como cá – o céu azul e o sol de outono me deram boas vindas. Cumprido todo protocolo de chegada e bagagens em mãos, tive o primeiro dos muitos “causos” vividos ainda no aeroporto: meu transfer, ou o carro que me esperava, saiu com outra cadeirante (no caso, uma senhora), que, só por também usar cadeira de rodas, o motorista achou que era eu. Como podemos ver, não é só aqui no Brasil que as pessoas acham que

cadeirante é tudo igual. Fala sério!

Frank Sinatra tinha razão – agora, acredito que é lá onde tudo acontece. Nova York não dorme e dormir foi o que eu menos fiz durante a minha estada. A cidade é inigualável e esse movimento constante é o que a torna tão especial.

Foram as experiências, as situações, as vivências e as pessoas – sempre as pessoas – que despertaram em mim o instinto da sobrevivência, da aventura, de conhecer novas culturas, formas de estar, pensar ou agir. Viajar sozinha foi tão simples e ao mesmo tempo tão intenso. Foi enriquecedor. Mais que isso, foi transformador.

E não demorou muito para que eu me apaixonasse pela rotina, pela segurança que NY oferece, pela vida cultural, pelo respeito às leis de acessibilidade, pelas pessoas e pela gigantesca diversidade de raça, religião, e estilos.

Não deu tempo de fazer e conhecer tudo, portanto, volto para novas aventuras. E se me perguntar: vai sozinha novamente? Respondo, sem pensar muito: sim! Pois a cada viagem, novas surpresas, outros olhares, acontecimentos, e claro, imprevistos. Mas isto não é ruim, pelo contrário, traz maior dinamismo e empoderamento. E vivi de verdade a famosa frases da lettravda música – “Se eu consegui em NY, eu consigo em qualquer lugar”! Ali, aquilo nunca foi tão real e estimulante para eliminar as barreiras do meu dia a dia.

Por isso, se estiver pensando em viajar – mesmo que sozinha, não perca o trem, a carona, o vôo – e boa viagem!



A Bailarina Mariana Reis, tornou-se cadeirante aos vinte anos. Tornou-se Administradora de Empresas e Educadora Física. É Pós Graduada em Gestão Estratégica com Pessoas e em Prescrição do

Exercício Físico para Saúde pela Universidade Federal do Espírito Santo. É também atriz, colunista do jornal A Tribuna de Vitória, professora universitária, técnica e árbitra de ginástica artística. Atua como consultora em acessibilidade e gestora na construção e efetivação das políticas públicas para a pessoa com deficiência em Vitória. Acredita na sedução diária de superar limites e ir além do que nos impede – não as pernas, os olhos, os ouvidos – mas o cotidiano. Afinal, temos todos medo de enfrentar o mundo e suas barreiras. E todos temos obstáculos. Vamos encarar?